



## Oralidade Africana e Bíblia: pressupostos da gênese do texto bíblico a partir de Hampaté Bâ

## African orality and Bible: assumptions of the genesis of the biblical text since Hampaté Bâ

**J. Jairo de Carvalho**

Especialista em Assessoria Bíblica (EST)  
Militante do CEBI. Contato: [jjairooc@bol.com.br](mailto:jjairooc@bol.com.br)

### Resumo:

O presente texto trata da importância da tradição oral na gênese do texto bíblico, tendo como referencial teórico a tradição oral africana retratada na obra “A Tradição Viva” do pensador malinês Amadou Hampaté Bâ. Acreditamos que o debate em torno desse assunto estimule a escuta e a valorização das histórias contadas nas comunidades populares, rotuladas de ignorantes e fantasiosas pelas elites letradas, mas inegavelmente inspiradas pelo sopro do Espírito que sopra onde quer.

**Palavras-chave:** Bíblia. Tradição Oral. África. Hampaté Bâ. Ancestralidade.

### Abstract:

The text presents the importance of oral tradition in the genesis of the Bible text, having as theoretical framework the African oral tradition depicted in the book “The Living Tradition” written by the Malian Thinker Amadou Hampaté Bâ. We believe that the debate surrounding this issue encourages listening and appreciation of stories in popular communities, labeled as ignorant and fanciful by the literate elites, but undeniably inspired by the breath of the Spirit that blows where it wishes.

**Keywords:** Bible. Oral Tradition. Africa. Hampaté Bâ. Ancestry.

## Introdução

O texto bíblico nasce de fatos da vida; nasce de uma necessidade pessoal e comunitária de compreender melhor a vida, para assim lhe conferir sentido e alimentar a certeza de que esta vida vale a pena ser vivida. O texto bíblico é, portanto, o resultado de **dois momentos**: o momento da realização da **ação** salvífica de Deus e o momento posterior no qual essa ação passa a ser **contada** e recontada, por ter adquirido um significado relevante para a comunidade que a experimentou. É daí que nasce o texto, de uma contação de história que, por sua vez, nasceu de um acontecimento. Creio ter encontrado, num pensador africano, elementos que defendem a severidade desse processo de contação de histórias que antecede a Bíblia como obra literária. Seu nome é Hampaté Bâ. Sua defesa da tradição oral africana nos servirá de orientação.

Sendo a tradição oral o jeito de se comunicar das comunidades populares, por que então diminuir a importância dessa linguagem no processo de construção do texto bíblico? Valorizar isso na gênese da Bíblia acarretaria em ter nas comunidades de hoje os **continuadores** dessa oralidade que buscam a presença de Deus em suas vidas, não só quando recontam histórias a partir do texto bíblico, mas também quanto contam histórias de suas próprias vidas cheias da presença carinhosa de Deus para com os que sofrem.

Klaus Berger<sup>1</sup> admite que “não se contesta que a substância de acontecimentos e palavras características da vida de Jesus possa ter sido transmitida oralmente antes da fixação no Evangelho”, mas não acredita que isso possa ser comprovado. Berger então aponta no caminho inverso, isto é, de “uma oralidade não ‘livre’, mas orientada, que pode também dever sua formação à leitura e à assimilação de fontes escritas”. Sugere, então que os interessados elaborem um método próprio para a tradição oral, pois conclui: “julgo impossível restaurar estados orais anteriores por meio da crítica literária (e) fornecer a prova positiva de que determinado texto tenha circulado da mesma forma também oralmente”.

O que está em jogo é admitir que a comunidade bíblica dos **iletrados** através de sua oralidade, também influenciaram os textos bíblicos, sendo assim **coautores** dos mesmos. Valiosa é a confissão de Berger de que certos textos possam ter “existido tais quais” a uma tradição oral anterior, “para os seguintes casos: a) sentenças costumam ocorrer em forma fixa; b) os logia errantia fixados; c) fórmulas litúrgicas e a etiologia cultural de 1Cor 11,23b-25; d) fórmulas de cerimonial... fórmulas de saudação”<sup>2</sup>. Mas, para além dos “tais quais” de Berger, queremos perceber a lógica da dominação de certas camadas sociais e segmentos religiosos ditos letrados sobre as camadas iletradas da população que são impedidas de pronunciarem sua própria palavra, pois nestas são inculcadas por aquela que “a escrita tem precedência sobre a oralidade”<sup>3</sup>.

Admitir, sem rodeios ou meias palavras, que o texto bíblico também tem sua origem em tradições orais, parece trazer para certos setores religiosos a idéia desconcertante de que a Bíblia seria algo frágil, de historicidade incerta. No fundo, tais setores não concedem à oralidade a mesma **legitimidade** que concedem à escrita. Prefere alimentar e favorecer a uma casta de doutos literatos para assim manterem seus privilégios, do que fazerem da alegria de Jesus a sua própria alegria: “Eu te louvo, ó Pai, Senhor do céu e da terra, porque ocultaste essas coisas aos sábios e entendidos, e as revelaste aos pequeninos” (Lc 10,21b)<sup>4</sup>. Contrário a esses setores religiosos, Hampaté Bâ será enfático:

O testemunho, seja escrito ou oral, no fim não é mais que testemunho humano, e vale o que vale o homem. Não faz a oralidade nascer a escrita, tanto no decorrer dos séculos como no

<sup>1</sup> BERGER, Klaus: *As Formas Literárias do Novo Testamento*. São Paulo: Loyola, 1998. p.17-18.

<sup>2</sup> BERGER, 1998, p. 17.

<sup>3</sup> HAMPATÊ BÂ, *A Tradição Viva*. In: KI-ZERBO, Joseph (Org.). *História geral da África*. Vol I: *Metodologia e pré-história da África*. São Paulo: UNESCO/Ática, 1982. p. 167.

<sup>4</sup> Todas as citações bíblicas serão da BÍBLIA DE JERUSALÉM. Nova ed. rev. São Paulo: Paulus, 1995.

próprio indivíduo?... Antes de escrever um relato, o homem recorda os fatos tal como lhe foram narrados ou, no caso de experiência própria, tal como ele mesmo os narra.<sup>5</sup>

Longe de nós desmerecermos o texto. A contribuição de Klaus Berger ao estudo da Bíblia enquanto obra literária é indiscutível. Entretanto, tão próximo como ter o texto bíblico nas mãos, também é ter em conta os **conflitos** interpretativos que o cercam atrelados a interesses dogmatizadores e limitadores da expressão humana de um lado, ou do outro, a ideais promotores da emancipação humana. Optando pelo segundo caso, devemos nos aliar a busca de uma “teoria de campo unificada... (a) incluir os resultados, métodos e pressuposições de todas as ciências que tentam decifrar e interpretar os sinais do homem”<sup>6</sup>. Sendo assim, como não incluir neste campo o pensamento africano e suas referências em torno das tradições orais?

### Nossa Oralidade de Cada Dia

A vida das pessoas nas comunidades não está escrita em livros, muito menos suas interpretações da realidade. Não somos grandes lideranças que apontam rumos para a nação. Somos militantes anônimos, como muitos outros que já nos deixaram após palmilhar as veredas da vida. A vida de nossos heróis e heroínas nos foi negada pelas elites de nossa pátria, e com muita dificuldade juntamos os **fragmentos** de suas histórias nos poucos registros preconceituosos feito pelos opressores. A história de nossas vidas só interessa a nós mesmos, a quem a gente ama e por quem somos amados, militantes e companheiros/as de luta.

Partilhamos oralmente nossas vidas e o que fazemos dela. Essa tradição oral, feita em nossas comunidades, relata nossas vitórias e derrotas, transmitem alegrias e tristezas, falam de saúde e doença, nascimentos e falecimentos, amizades e desavenças, morte e vida. Nossas lembranças, como uma pérola preciosa, está nessa oralidade, ela é a vigília do **nosso processo** histórico. Inspiradoras, a esse respeito, são as palavras de Hampaté Bâ:

A tradição oral consegue colocar-se ao alcance dos homens, falar-lhes de acordo com o entendimento humano, revelar-se de acordo com as aptidões humanas. Ela é ao mesmo tempo religião, conhecimento, ciência natural, iniciação à arte, história, divertimento e recreação... Uma vez que se liga ao comportamento cotidiano do homem e da comunidade, a “cultura” africana não é, portanto, algo abstrato que possa ser isolado da vida. Ela envolve uma visão particular do mundo, ou, melhor dizendo, uma presença particular no mundo – um mundo concebido como um Todo onde todas as coisas se religam e interagem.<sup>7</sup>

Essa capacidade, ou esse tipo de comunicação, que nos leva ao **encontro** das pessoas através de uma práxis fraterna e solidária, também pode nos levar ao **desencontro**. “A fala pode criar a paz, assim como pode destruí-la... A tradição, pois, confere a Kuma, a Palavra, não só um poder criador, mas também a dupla função de conservar e destruir”<sup>8</sup>.

Quando posta a serviço do egoísmo, a palavra acaba por manter **privilegiados** de um lado, e **marginalizados** do outro. O mito da Torre de Babel, narrada no livro do Gênesis, fala que “todo o

<sup>5</sup> HAMPATÊ BÂ, 1982, p. 168.

<sup>6</sup> RICOEUR, Paul. *Ensaio sobre a interpretação bíblica*. São Paulo: Novo Século, 2004. p. 14 e 21.

<sup>7</sup> HAMPATÊ BÂ, 1982, p. 169.

<sup>8</sup> HAMPATÊ BÂ, 1982, p. 173.

mundo se servia... das mesmas palavras... Disseram: ‘Vinde! Construamos uma cidade e uma torre cujo ápice penetre nos céus’... E Iahweh disse... ‘Confundamos a sua linguagem’... os dispersou sobre toda a face da terra” (Gn 11). O termo ‘torre’, no texto, refere-se a um aparato militar de defesa dos privilegiados da cidade, a corte real com seus funcionários, os exploradores do campesinato. A diversidade das línguas torna-se, assim, uma vontade de Deus em defesa dos grupos étnicos oprimidos, uma garantia de sua existência cultural. Aqui no Brasil, falamos a língua do invasor português e achamos chique falar o inglês do neocolonialismo norte-americano. Isso torna patente o uso da língua como instrumento de **dominação**.

### Autenticidade e Confiabilidade

Apesar de livre, o fenômeno oral, por depender da memorização, acaba estabelecendo normas estruturais para a comunicação de certas mensagens. A escrita, mesmo alheia à memorização, também segue certos **estereótipos** literários, claramente influenciados pela tradição oral, pois registra o que dela provém.

A língua é um sistema fechado... funciona como um jogo de xadrez... há regras, jogamos dentro dessas regras e se acrescentamos alguma coisa, mudamos o sistema... já não se tratará mais do mesmo jogo... O mesmo acontece com a língua que produz discursos diversificados ao infinito, mas sempre de acordo com as regras que regem o sistema.<sup>9</sup>

Bornkamm<sup>10</sup> nos ajuda a perceber na “legenda” uma dessas regras de transmissão oral que servirá de substrato para os textos do Novo Testamento. A legenda não é uma fantasia, mas se ancora num fato social no qual o orador está mais interessado no **exagero** da exaltação da piedade de certos personagens no lugar de fazer um relatório histórico do ocorrido. As narrativas da infância de Jesus são exemplares, basta ficar diante de Isabel e Zacarias, Maria e José, Ana e Simeão, para percebermos como a história fica mais enfeitada e atraente aos ouvidos. “Uma narrativa tradicional possui sempre uma trama ou base imutável que não deve jamais ser modificada, mas a partir da qual pode-se acrescentar desenvolvimentos ou embelezamentos, segundo a inspiração ou a atenção dos ouvintes”<sup>11</sup>.

A forma como a história é relatada pela tradição oral possui uma **autonomia**, conquistada na medida em que é contada e recontada de geração em geração, bem como pela atual comunidade que lhe serve de testemunho. Trata-se de “uma das mais primitivas características da tradição oral... é que ela segue formas definidas e leis fixas de transmissão”<sup>12</sup>. Dessa autonomia estrutural dos relatos orais os novos contadores não podem fugir, pois quem escuta também está integrada a esta estrutura. Fugir à norma faria o contador correr o risco de não se fazer entender.

Uma das peculiaridades da memória africana é reconstituir o acontecimento ou a narrativa registrada em sua totalidade, tal como um filme que se desenrola do princípio ao fim, e fazê-lo no presente. Não se trata de recordar, mas de trazer ao presente um evento passado

<sup>9</sup> CHARPENTIER. *Iniciação à análise estrutural*. São Paulo: Paulinas, 1983. p. 19. (Cadernos Bíblicos 23)

<sup>10</sup> BOMKAMM, Günther. *Bíblia – Novo Testamento: introdução aos seus inscritos no quadro da história do cristianismo primitivo*. São Paulo: Paulinas, 1981. p. 41.

<sup>11</sup> HAMPATÉ BÂ, 1982, p. 180.

<sup>12</sup> BOMKAMM, 1981, p. 39.

do qual todos participam, o narrador e sua audiência. Aí reside toda a arte do contador de histórias. Ninguém é contador de histórias a menos que possa relatar um fato tal como aconteceu realmente, de modo que seus ouvintes, assim como ele próprio, tornem-se testemunhas vivas e ativas desse fato. Ora, todo africano é, até certo ponto, um contador de histórias. Quando um estranho chega a uma cidade, faz sua saudação dizendo: ‘Sou vosso estrangeiro’. Ao que lhe respondem: ‘Esta casa está aberta para ti. Entra em paz’. E em seguida: ‘Dá-nos notícias’. Ele passa então a relatar toda sua história, desde quando deixou sua casa, o que viu e ouviu, o que lhe aconteceu etc, e isso de tal modo que seus ouvintes o acompanham em suas viagens e com ele as revivem. É por esse motivo que o tempo verbal da narrativa é sempre o presente.<sup>13</sup>

Atentemos que nesse fenômeno específico da linguagem oral, tudo se dá pela **sonorização** que sintoniza fala e escuta. Mesmo com o apogeu do alfabeto grego, bem como dos modernos sistemas de escrita hoje vigentes, a linguagem escrita não consegue representar em **signos** coisas peculiares à linguagem falada como a tonicidade e a declamação da mensagem transmitida pela fala, ou seja, o grau de elevação ou abaixamento da voz, bem como seu ritmo e interpretação.

Atentemos mais ainda para essa característica da oralidade africana de dizer que o “tempo verbal da narrativa é sempre o presente”. Assim, quem conta e quem escuta, se sente conectado a narrativa e não excluído dela, sente-se integrado a história de seu povo e não alienado dela, **enraíza-se** nos mitos fundantes da nação ao contrário de ser fumo leve que corre entre os dedos.

Jesus insiste que podemos nos sentir assim também quando diz “o Reino de Deus está no meio de vós” (Lc 17,20b). É a vida do povo e como o povo conta e interpreta os significados dessa vida que forma o texto bíblico. A **oralidade** que testemunhava a fé da comunidade em Jesus e da presença do Reino de Deus no meio dela, **virou um texto** a refletir uma “fé proclamada como uma história sobre Jesus”<sup>14</sup>. Perceber isso na Bíblia nos ajuda a vê-la como **livro do povo**, como um espelho das histórias de nossas vidas, e não como algo encarcerado por setores clericais.

### **Maa Ngala Quis Conversar**

Ao ler o mito da criação do homem, intimamente ligado a Kuma (a Palavra), exposto por Hampaté Bâ, imediatamente nos lembramos da tradição judaico-cristã em torno do **Dabar**, palavra hebraica que significa ‘palavra criadora’ de Deus, do qual veio o universo, bem como o homem e a mulher. A lembrança desse Dabar sustentou a integridade étnica dos exilados de Israel em terras babilônicas (597 – 538 aC), num contexto de desintegração cultural. Não poderíamos esquecer a radicalidade das primeiras comunidades cristãs quando afirmavam que “o Verbo se fez carne, e habitou entre nós” (Jo 1,14), ao se referir a Jesus de Nazaré; esse Verbo (=logos, do texto original grego) significa ‘palavra’, mas não qualquer palavra, mas palavra indicando ação de Deus.

Vindo para terras latino-americanas, vale a pena mencionarmos, mesmo que rapidamente, a importância da Palavra para as nações Guaranis. A escuta de suas tradições orais não deixam dúvida de que “a característica que especifica a psicologia, a sociologia e a teologia guarani é a

<sup>13</sup> HAMPATÉ BÂ, 1982, p. 208.

<sup>14</sup> BOMKAMM, 1981, p. 45.

experiência religiosa peculiar da Palavra”. Segue um pequeno resumo do mito guarani sobre a “Palavra Fundamental” ou **Ayvú Rapytá**.

O verdadeiro Pai Ñamandu... com seu saber expansivo e comunicativo, conheceu para si mesmo a fundamental palavra futura... em virtude de seu saber que se abre em flor, nosso Pai fez que se abrisse a palavra fundamental e que se fizesse como ele, divinamente celeste... um canto esforçado... considerou detidamente a quem participar do fundamento da palavra, a quem fazer participar desse único amor... fez que despontassem os que seriam companheiros de seu celeste divino ser... excelsos verdadeiros pais das palavras, excelsas verdadeiras mães das palavras.<sup>15</sup>

Poderíamos citar outras tradições orais Guaranis onde se narram uma variedade de cosmogonias. A **diversidade** dos discursos impressiona. Qualquer estudioso veria nisso um caos discursivo, sem ordem e sem ligações. Mas os mais atentos percebem nessa capacidade de elaboração inerente a qualquer homem ou mulher guarani a sua inalienável **liberdade** de pronunciar a própria Palavra. Essa Palavra o faz ficar de pé a partir do momento que recebe a primeira palavra de sua vida, seu nome. A partir daí uma série de palavras, muitas das quais cantadas, formaram “o hino de sua vida. ‘Nossa palavra é a manifestação de nossa alma que não morre’”<sup>16</sup>.

Hampaté Bâ, por sua vez, nos dirá que a Palavra (**Kuma**) é sagrada por ser uma força advinda do próprio Maa Ngala, o ser supremo, criador de todas as coisas segundo as grandes escolas de iniciação do Mali, entre elas a tradição bambara do Komo. Ao término de sua criação, Maa Ngala deu falta de não ter um ente que **pudesse conversar** com ele; para suprir essa falta, cria então o Homem que recebe um pedaço do próprio nome divino, Maa. Vejamos alguns trechos deste incrível mito da criação.

Este Ser era um Vazio vivo, a incubar potencialmente as existências possíveis. O Tempo infinito era a moradia desse Ser-Um. O Ser-Um chamou-se de Maa Ngala. Então ele criou ‘Fan’, um Ovo...dele nasceram vinte seres fabulosos... Mas, ai, nenhuma dessas vinte criaturas revelou-se apta a tornar-se o interlocutor... ele tomou uma parcela de cada uma dessas vinte criaturas existentes e misturou-as; então, insuflando na mistura uma centelha de seu próprio hálito ígneo, criou um novo Ser, o Homem, a quem deu uma parte de seu próprio nome: Maa.<sup>17</sup>

Na humanidade, portanto, encontramos os elementos de todas as coisas. Alarga-se assim, nossa **compreensão** de que “Iahweh Deus tomou o homem e o colocou no jardim de Éden para o cultivar e o guardar” (Gn 2,15). Cuidar da ordem criacional e da verdade por detrás da Palavra é papel intrínseco da humanidade, de Maa. “Iniciado por seu criador, mais tarde Maa transmitiu a seus descendentes tudo o que havia aprendido, e esse foi o início da grande cadeia de transmissão oral”<sup>18</sup>.

As três potencialidades do poder, do querer e do saber... ficam em estado de repouso até o instante em que a fala venha colocá-las em movimento. Vivificadas pela Palavra divina, essas forças começam a vibrar. Numa primeira fase, tornam-se pensamento; numa segunda, som; e, numa terceira, fala. A fala é, portanto, considerada como materialização, ou a

<sup>15</sup> MELIÀ, Bartolomeu: *A experiência religiosa Guarani*. O rosto índio de Deus. Petrópolis: Vozes, 1989. p. 306-308.

<sup>16</sup> MELIÀ, 1989, p. 311.

<sup>17</sup> HAMPATÉ BÂ, 1982, p. 171.

<sup>18</sup> HAMPATÉ BÂ, 1982, p. 171.

exteriorização das vibrações das forças... De fato, diz-se que: ‘Quando Maa Ngala fala, pode-se ver, ouvir, cheirar, saborear e tocar a sua fala’...É por isso que no universo tudo fala: tudo é fala que ganhou corpo e forma.<sup>19</sup>

A análise de Hampaté Bâ nos imersa na concepção sacral da Palavra para as comunidades orais africanas e como o dialogar se reveste de uma **necessidade** até mesmo divina. A **mentira** seria o rompimento com o sagrado e com a unidade cósmica. A mentira instala o desequilíbrio com a natureza, adoce moralmente o mentiroso e desarmoniza as relações entre ele e a comunidade humana. “Na África tradicional, aquele que falta à palavra mata sua pessoa civil, religiosa e oculta”<sup>20</sup>.

Como não se lembrar do Evangelho de João nesse momento. A palavra de Jesus era **dialogada** e **desvendava mentiras**. Com muita propriedade as comunidades cristãs testemunharam a seu respeito: “Se permanecerdes na minha palavra, sereis verdadeiramente meus discípulos e conhecereis a verdade, e a verdade vos libertará” (Jo 8,31b-32). Libertará da mentira dos dirigentes do Templo em dizer que possuem a Deus através de seus minuciosos ritos de purificação e que só a eles cabe saber da vontade de Deus através da interpretação da torah. No seu egocentrismo, tais autoridades religiosas não reconheceram sua falibilidade, muito menos a novidade que Jesus e seu movimento traziam.

Quando se trata de questões religiosas e sagradas, os grandes mestres tradicionais não temem a opinião desfavorável das massas e, se acaso cometem um engano, admitem o erro publicamente, sem desculpas calculadas ou evasivas. Para eles, reconhecer quaisquer faltas que tenham cometido é uma obrigação, pois significa purificar-se da profanação.<sup>21</sup>

Toda pessoa africana nascida nas comunidades de tradição oral é boa contadora de história. Aprende o **domínio** da palavra para que não fale além do necessário. Sua educação tradicional associa isso com o **controle** de suas emoções e sofrimentos “à semelhança do Maa primordial que continha dentro de si, submissas e ordenadas, todas as forças do Cosmo”<sup>22</sup>.

Existe no Doma (no mestre) a consciência de suas palavras não concernirem somente a ele, da sua memória não pertencer somente a ele, mas que sua fala e sua memória são parte integrante de uma tradição antiquíssima a qual remonta ao homem primordial, Maa. Por isso, antes de começar um ensinamento, ou uma narrativa, o mestre Doma requisita a **presença** das almas dos **antepassados** com o propósito de não cometer qualquer erro:

Primeiros ancestrais... Acercai-vos e escutai-me. Em concordância com vossos dizeres. Vou contar aos meus ouvintes como as coisas aconteceram. Desde vós, no passado, até nós, no presente. Para que as palavras sejam preciosamente guardadas e fielmente transmitidas aos homens de amanhã que serão nossos filhos, e os filhos de nossos filhos... A fim de que possam seguir e respeitar sua ordem natural.<sup>23</sup>

<sup>19</sup> HAMPATÉ BÂ, 1982, p. 172.

<sup>20</sup> HAMPATÉ BÂ, 1982, p. 174.

<sup>21</sup> HAMPATÉ BÂ, 1982, p. 178.

<sup>22</sup> HAMPATÉ BÂ, 1982, p. 178.

<sup>23</sup> HAMPATÉ BÂ, 1982, p. 180.

Essa interligação não se restringe ao mestre Doma e aos ancestrais, mas se estende aos seus **discípulos**, testemunhas da veracidade das palavras do mestre. Hampaté Bâ nos dá uma idéia disso a partir da escuta de um dos seus concidadãos: “Eu, Danjo Sine, do clã de Samake (elefante), vou contar tal como o aprendi, na presença de minhas duas testemunhas Makoro e Manifin (condiscípulos)”<sup>24</sup>.

Diante de um esquecimento ou de uma falha na narrativa do mestre Doma, os discípulos possuem a liberdade de interromper sua narrativa para corrigi-lo, dizendo quase ritualisticamente: “‘Homem! Presta atenção quando abres a boca’. Ao que ele responderia: ‘Desculpe, foi minha língua fogosa que me traiu’”. Assim, nas comunidades iletradas da África, a **cadeia de transmissão** dos saberes desses povos vai se perpetuando recontando ao pé da palavra o que escutaram de seus antepassados e mestres. Se no público do mestre Doma “alguém o contradiz, ele simplesmente responderá: ‘Fulano me ensinou assim!’, sempre citando a fonte”<sup>25</sup>.

Existe, portanto toda uma concepção sagrada em torno da oralidade africana, bem como uma estrutura comunitária que interliga a comunidade dos viventes aos seus antepassados. Isso é mantenedor de um testemunho verdadeiro e de uma identidade coletiva. Tais elementos são instigadores para compreendermos a tradição oral na gênese do texto bíblico, bem como nos **compromete** em realçar os mesmos elementos na oralidade feita em nossas comunidades.

### Nossa Oralidade é a Prova

Que a Bíblia é um texto, isso é óbvio, a temos nas mãos em forma de livro, como a Torah em forma de rolos na época de Jesus. Um grupo de pessoas a escreveu. Mas, as primeiras comunidades cristãs tinham consciência da elaboração **escrita** a partir de uma tradição **oral**: “falou Deus, outrora, aos nossos Pais pelos profetas” (Hb 1,1), “os profetas que falaram em nome de Deus” (Tg 5,10), “como prometera desde tempos remotos pela boca de seus santos profetas” (Lc 1,70), “Bem falou o Espírito Santo a vossos pais, por meio do profeta Isaías” (At 28,25). A **inspiração** sagrada não está limitada e resumida apenas no ato de escrever o texto bíblico, ela já está presente anteriormente no ato de contar o que o texto narra, está presente mais atrás ainda, no momento do acontecimento salvífico.

No Centro de Estudos Bíblicos (CEBI), a ligação entre a Bíblia e a Vida do povo que o faz proclamar que “se Deus esteve com aquele povo no passado, então está também conosco nesta luta que fazemos hoje para nos libertar... se torna o critério mais determinante da Leitura Popular”<sup>26</sup> da Bíblia. Estando hoje Deus conosco, com certeza sua presença **não é silenciosa**. Deus pronuncia sua Palavra através de nossas vidas, e como nossas vidas não estão em livros, a escuta dessa Palavra de Deus só se faz através do diálogo entre os membros da comunidade, isto é, em torno de uma

<sup>24</sup> HAMPATÉ BÂ, 1982, p. 180.

<sup>25</sup> HAMPATÉ BÂ, 1982, p. 181.

<sup>26</sup> MESTERS, Carlos; OROFINO, Francisco: *O caminho por onde caminhamos: reflexões sobre o método de interpretação da Bíblia*. São Leopoldo: Contexto, 2006. p. 10.

tradição oral interpretadora e por isso selecionadora, dos fatos novos que podem ganhar o selo de revelador da ação salvífica de Deus.

Ora, o texto bíblico foi produzido assim. Portanto, somos continuadores de uma tradição antiga e **inalienável** da humanidade, a tradição oral. Com acerto, o CEBI assevera: “o objetivo principal da leitura não é conhecer e interpretar a Bíblia, mas, sim, interpretar a vida com a ajuda da Bíblia”<sup>27</sup>, pois ela mesmo nasceu assim.

Apesar de interessante/respeitoso o raciocínio de certos rabinos a afirmar que “a tradição judaica mais antiga defende que a Torá existe desde antes da criação do mundo”<sup>28</sup>, tal raciocínio traz graves **complicações** para a compreensão da formação do livro sagrado, da mesma forma, apesar de um outro viés, que as negativas de Ricoeur quando diz: “não a intenção do autor... não a situação histórica comum ao autor e seus leitores originais... nem mesmo a compreensão deles mesmos como fenômeno histórico e cultural”<sup>29</sup>, colocando exclusivamente no texto a possibilidade do constructo de uma interpretação.

Para percebermos que colocar a **vida** como eixo central do processo dialógico interpretativo da própria vida, feito na tradição oral, onde a Bíblia não é um fim, mas um meio, Mesters e Orofino nos advertem que isso permeia as mais antigas tradições cristãs, e nos lembram da fala do bispo Agostinho de Hipona (sec. V):

Deus não escreveu um livro, mas dois livros. O primeiro não é a Bíblia, mas, sim, a vida. Ele fala conosco através da natureza, das pessoas... mas o pecado... [fez a vida perder] a sua transparência... Por isso, Deus escreveu um segundo livro que é a Bíblia, não para ocupar o lugar da vida, mas, sim, para nos ajudar a interpretar a vida.<sup>30</sup>

Hampaté Bâ torna-se uma **referência** obrigatória para quem quer valorizar essa oralidade presente na gênese do texto bíblico e presente no processo de interpretação da vida feita por nossas comunidades, usando a Bíblia. Por isso, gostaríamos de concluir com mais uma de suas reflexões:

O que se encontra por detrás do testemunho, portanto, é o próprio valor do homem que faz o testemunho, o valor da cadeia de transmissão da qual ele faz parte... Em suma: a ligação entre o homem e a palavra... É, pois, nas sociedades orais que não apenas a função da memória é mais desenvolvida, mas também a ligação entre o homem e a Palavra é mais forte. Lá onde não existe a escrita, o homem está ligado à Palavra que profere. Está comprometido com ela. Ele é a palavra, e a palavra encerra um testemunho daquilo que ele é. A própria coesão da sociedade repousa no valor e no respeito pela Palavra.<sup>31</sup>

## Referências

BERGER, Klaus: *As Formas Literárias do Novo Testamento*. São Paulo: Loyola, 1998.

<sup>27</sup> MESTERS; OROFINO, 2006, p. 11.

<sup>28</sup> WIKIPÉDIA. a enciclopédia livre: Torá. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/tora>>. Acesso em: 03 jan. 2013.

<sup>29</sup> RICOEUR, 2004, p. 24.

<sup>30</sup> MESTERS; OROFINO, 2006, p. 35.

<sup>31</sup> HAMPATÉ BÂ, 1982, p. 168.

HAMPATÊ BÂ, *A Tradição Viva*. In: KI-ZERBO, Joseph (Org.). *História geral da África*. Vol I: *Metodologia e pré-história da África*. São Paulo: UNESCO/Ática, 1982.

BÍBLIA DE JERUSALÉM. Nova ed. rev. São Paulo: Paulus, 1995.

RICOEUR, Paul. *Ensaio sobre a interpretação bíblica*. São Paulo: Novo Século, 2004.

BOMKAMM, Günther. *Bíblia – Novo Testamento: introdução aos seus inscritos no quadro da história do cristianismo primitivo*. São Paulo: Paulinas, 1981.

CHARPENTIER. *Iniciação à análise estrutural*. São Paulo: Paulinas, 1983. (Cadernos Bíblicos 23)

BOMKAMM, Günther. *Bíblia – Novo Testamento: introdução aos seus inscritos no quadro da história do cristianismo primitivo*. São Paulo: Paulinas, 1981.

WIKIPÉDIA. a enciclopédia livre: Torá. Disponível em: <[http:// pt.wikipedia.org/wiki/tora](http://pt.wikipedia.org/wiki/tora)>. Acesso em: 03 jan. 2013.

MESTERS, Carlos; OROFINO, Francisco: *O caminho por onde caminhamos: reflexões sobre o método de interpretação da Bíblia*. São Leopoldo: Contexto, 2006.

MELIÀ, Bartolomeu: *A experiência religiosa Guarani. O rosto índio de Deus*. Petrópolis: Vozes, 1989.